

## A CIDADE OLÍMPICA E A TRADIÇÃO EM EVENTOS ESPORTIVOS

### THE OLYMPIC CITY AND HIS TRADITION IN SPORTING EVENTS

**Silvestre Cirilo dos Santos Neto\***, **Lamartine Pereira DaCosta**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Leonardo José Mataruna dos Santos**  
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Renan Petersen-Wagner**  
Durham University, Durham, Inglaterra

**Luiz Fernando Medeiros de Nóbrega**,  
Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Submetido em:** 14-09-2015  
**Aprovado em:** 30-03-2016

**\*Silvestre Cirilo dos Santos Neto**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da UERJ. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Legados de Eventos e Megaeventos da UFRJ. Bolsista da União Europeia, Carnival Project, FP7/2007-2013/un-der REA grant agreement n. 612614.

(CEP 20550-900 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

E-mail: silvestrecirilo@yahoo.com.br

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - 20550-900 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

**Leonardo José Mataruna dos Santos**

Doutor em Educação Física pela UGF. Research Fellow CTPRS - Coventry University. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Legados de Eventos e Megaeventos da UFRJ. Bolsista da União Europeia, Carnival Project, FP7/2007-2013/under REA grant agreement n. 612614.

E-mail: mataruna@gmail.com

**Renan Petersen-Wagner**

Doutor em Sociologia pela Durham University, Inglaterra. Lecturer in Sport Management - Coventry University.

E-mail: ab8255@coventry.ac.uk

**Luiz Fernando Medeiros de Nóbrega**

Mestre em Ciências da Motricidade Humana pela UCB. Comandante da Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX). Bolsista da União Europeia, Carnival Project, FP7/2007-2013/under REA grant agreement n. 612614.

E-mail: lmnobrega@uol.com.br

**Lamartine Pereira DaCosta**

Livre-Docente em Gestão do Esporte pela UERJ. Professor visitante na University of East London-UK e UERJ. Membro do Conselho Consultivo da Russian International Olympic University.

E-mail: Lamartine@terra.com.br

### RESUMO

Desde a realização do XV Jogos Pan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, houve a visualização de um marco para a chamada década de ouro do esporte brasileiro. A realização, no período de dez anos, dos Jogos Pan e Parapan-Americanos, Jogos Mundiais Militares, Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, fazem do esporte, protagonista, voltando o foco para as questões ligadas à infraestrutura e às praças esportivas utilizadas nesses eventos. O legado tornou-se termo comum nas conversas esportivas e o mote para a realização dos chamados megaeventos. Entretanto, o país não entrou na rota dos eventos esportivos no século XXI. Desde 1919, com os Jogos Sul-Americanos de Futebol no Estádio das Laranjeiras, são realizados, no Brasil, eventos com a participação de outros países. A metodologia utilizada neste artigo foi o levantamento dos dados secundários, com o delineamento a partir de eventos nos âmbitos internacional e regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Equipamento Esportivo; Estratégia; Evento Esportivo.

### ABSTRACT

*Since the XV Pan Am Games hosted in 2007 at Rio de Janeiro City, It created a framework for the golden decade of sport in Brazil. Afterwards, sports became protagonist and brought discussions about infrastructure and the sports venues. The legacy has become a common term in sports conversations and the motto for the achievement of the so-called mega events. However, the country has not entered on the route of the sporting events in the 21st century. Since 1919, with the realisation of the football South American Games in Laranjeiras Stadium, events are held with the participation of other countries in our territory. The methodology to be used was a survey from secondary sources, with the delineation from events in the international and regional levels.*

**KEYWORDS:** Sport Manager; Profile; Sport Facilitie.

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro se firmou como o destino mais esperado para a realização de eventos esportivos desde os Jogos Pan e Parapan-Americanos em 2007, marcos para a década de ouro do esporte no Brasil (Santos, DaCosta, Bastos, & Mataruna, 2014), culminando com a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016. O legado foi o tema em voga no período citado, colocando na pauta do dia, questões sobre infraestrutura, equipamentos esportivos e mobilidade urbana. Porém, a partir do momento que se busca a história da cidade na realização de eventos esportivos, a realidade não se resume à última década, denotando uma expertise no tema.

Todavia, o país não entrou na rota dos eventos esportivos no século XXI. Desde 1919, com a realização dos Jogos Sul-Americanos de Futebol no Estádio das Laranjeiras, eventos são sediados na atual capital do Estado do Rio de Janeiro, com a participação de países de outros continentes. Toda a discussão alardeada anteriormente deve ser vista com ressalvas, pois infraestrutura e legado vêm fazendo parte do imaginário esportivo no país há quase um século. É certo que, anteriormente ao período denominado como a década de ouro do esporte, tais temas eram relegados ao segundo plano.

A necessidade de estudos em eventos esportivos vai ao encontro da necessidade de criação de conhecimento nesse setor, indo além do processamento de dados e informações. Isso garante o registro histórico dos eventos, possibilita o *benchmark* entre eles e desenvolve o campo científico. Posto isso, o presente estudo pretende traçar o perfil dos eventos esportivos realizados na cidade do Rio de Janeiro.

O perfil considerado para esse estudo baseia-se na tipologia adotada por Parent e Smith-Swan (2013) para eventos esportivos, remetendo a uma fotografia de cada período. A delimitação do estudo é a realização de eventos internacionais (continentais ou mundiais), descritos por Bruun (2009) como um evento que atrai a atenção de diversos países, com espectadores e transmissão de TV de tantos outros, diferindo na magnitude, conforme o esporte em questão.

Definir a magnitude de um evento esportivo é algo controverso, pois há diversas variáveis que podem inferir sobre a abrangência do evento e o que ele pode dar de retorno para a sede. Horne (2007) cita a diversidade encontrada na discussão sobre a tipologia dos eventos esportivos. Para o autor, o megaevento depende da influência catalisadora de investimentos sobre a cidade-sede e o poder de atração sobre a mídia e a respectiva cobertura.

Para Getz (2007, p.18), o evento “tem início e fim”, é um fenômeno temporal e pode acontecer em um local específico ou em diversos equipamentos. Para o autor, a dimensão temporal se sobrepõe à espacial. O evento classificado como *hallmark* apresenta uma relação com um local em particular ou “permanentes ‘instituições’ de sua comunidade ou sociedade” (Getz, 2007, p. 24). Sobre os megaeventos, o autor cita a relatividade, pois quase sempre se considera o tamanho do evento. No entanto, determinado evento considerado pequeno pode acarretar grandes impactos em uma sede pequena. Um evento esportivo pode ser amador ou profissional; local, regional, nacional ou internacional e ter uma única modalidade ou ser multiesportivo (Getz, 2007).

Um megaevento é definido por Roche (2000) como sendo de larga escala, no qual geralmente a organização está a cargo do governo e de entidades não governamentais internacionais. Roche (1994) complementa que o megaevento tem como característica o curto prazo, mas traz benefícios de longo prazo à cidade-sede. O autor exemplifica por meio de competições esportivas de nível mundial, tais como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol e classifica os eventos esportivos e suas respectivas abrangências em:

- Megaevento (global);
- Evento especial (mundial regionalizado ou nacional);
- *Hallmark* (nacional ou regional);

- Evento comunitário (regional ou local).

Ritchie (1984) aborda os eventos denominados como *hallmark*, definindo-os como eventos singulares que ocorrem uma vez ou são recorrentes, classificando o que comumente se passa por megaevento nessa categoria.

Mills e Rosentraub (2013) fazem referência ao espaço urbano e afirmam que a realização dos megaeventos acontece, prioritariamente, em áreas metropolitanas.

Parent e Smith-Swan (2013) mantêm três classificações para os eventos esportivos:

1. Eventos esportivos locais (com tendência a baixa presença do público e cobertura midiática);
2. Festivais (baseados em comunidades);
3. Grandes eventos esportivos, subdivididos em:
  - *Hallmark* (recorrente e ligado ao mesmo local);
  - Eventos de larga escala (podem acontecer uma única vez ou serem recorrentes);
  - Megaeventos (ocorrem uma única vez). Parent e Smith-Swan (2013) destacam que os megaeventos ganham essa definição pelo seu tamanho e significado perante algumas prerrogativas, como por exemplo, a cobertura da mídia ou o impacto financeiro.

Em outra abordagem, Müller (2015) propõe uma nova visualização sobre os eventos esportivos, considerando a relatividade da grandeza de cada evento. O autor adotou um sistema de pontos baseados nas variáveis: número de ingressos vendidos, valores dos direitos de transmissão, custo total do evento e poder de investimento. Pela pontuação obtida, os eventos são classificados em grande, mega e giga.

Posto as afirmações sobre os perfis abordados para os eventos esportivos, denota-se a falta de um sentido único nas classificações propostas pelos autores, gerando confusão no momento do enquadramento dos eventos pela falta de parâmetros mais precisos.

## 2 METODOLOGIA

O estudo foi conduzido a partir do levantamento de dados secundários, utilizando-se arquivos dos jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, relatórios oficiais, revistas comemorativas e livros voltados ao estudo de eventos esportivos. Pela internet, consultaram-se os sites de federações internacionais, confederações brasileiras, dos eventos propriamente ditos e da Wikipedia (após checagem dos dados). Para os eventos com informações prévias que garantissem a sua determinação no espaço e tempo, buscou-se os arquivos dos jornais, realizando uma pesquisa no período aproximado da competição. Para os eventos conhecidos, porém com informações imprecisas, buscou-se uma aproximação do período de realização pelos sites de busca e, em seguida, realizou-se a checagem das informações levantadas.

Outra fonte utilizada foi a memorabilia (medalhas, pôsteres, selos, editais de lançamento de selos, envelopes comemorativos do primeiro dia de circulação de selos e postais), além do imaginário pessoal de cada pesquisador sobre eventos esportivos, dando início a busca no material de pesquisa. Os termos de pesquisa utilizados foram: campeonato mundial, campeonato sul-americano, campeonato pan-americano, jogos sul-americanos, jogos pan-americanos, *world championship*, *panamerican games*, *juegos sudamericanos*, *juegos panamericanos*, e o nome dos esportes em português, espanhol e inglês.

A pesquisa classifica-se, considerando-se o objetivo, como uma pesquisa exploratória, descrita por Gil (2002) como um tipo de pesquisa com vistas a trazer maior familiaridade para o problema, ou no

caso, entender quais eventos esportivos e em qual período se realizaram estes eventos na cidade do Rio de Janeiro. O procedimento técnico adotado foi o da pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado (Gil, 2002; Marconi & Lakatos, 2010). Conforme alertado por Marconi e Lakatos (2010), esse tipo de procedimento técnico é capaz de gerar um novo enfoque ou abordagem a partir de um material consolidado, garantindo conclusões inovadoras sobre o tema.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Santos (2011, p. 84) afirma que “o Campeonato Sul-Americano de futebol de 1919 foi a primeira grande competição internacional esportiva sediada no Brasil”. Santos (2012) cita a entrada do país, por meio desse evento realizado na cidade do Rio de Janeiro, para o mapa dos eventos esportivos.

Mascarenhas (2011) faz um aporte teórico a essa discussão sobre a relevância da cidade do Rio de Janeiro para os eventos esportivos, ao relatar a condição dada pelas candidaturas aos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos que a elencou como cidade esportiva e/ou Olímpica.

Após o levantamento realizado para o presente estudo, contabilizaram-se 161 eventos esportivos realizados desde 1919, ano apontado como o da realização do primeiro evento esportivo internacional no país.

Mascarenhas (2011) indica que a imagem de cidade esportiva do Rio de Janeiro foi criada com a realização de três eventos internacionais no espaço de três anos (Campeonato Sul-Americano de futebol de 1919 e 1922 e os Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922). Com a construção dessa imagem em apenas três anos, como a cidade comportou-se no quesito sediar eventos esportivos? A Tabela 1 mostra a quantidade de eventos sediados desde 1919.

**Tabela 1**

Quantidade de eventos esportivos sediados na cidade do Rio de Janeiro entre 1919 e 2014

DÉCADA	TOTAL	ÂMBITO DA COMPETIÇÃO		COMPETIÇÃO	
		REGIONAL	MUNDIAL	SIMPLES	MULTIESPORTIVA
1910-1919	1	1	-	1	-
1920-1929	2	2	-	1	1
1930-1939	2	2	-	2	-
1940-1949	2	2	-	2	-
1950-1959	5	2	3	5	-
1960-1969	5	1	4	5	-
1970-1979	12	2	10	12	-
1980-1989	21	1	20	21	-
1990-1999	42	1	41	42	-
2000-2009	38	7	31	35	3
2010-2014	31	2	29	30	1
<b>TOTAL</b>	<b>161</b>	<b>23</b>	<b>138</b>	<b>156</b>	<b>5</b>

Pela Tabela 1 constata-se que a cidade é um locus de eventos esportivos, principalmente aqueles de âmbito mundial. Aproximadamente 85% dos eventos sediados na cidade foram competições que contaram com atletas de outros continentes, deduzindo-se a tendência em atender os encargos para sediar competições de nível mundial.

Pode-se visualizar na Tabela 2, a quantidade de eventos esportivos, por modalidade.

**Tabela 2**

Quantidade de eventos por esporte

MODALIDADE	TOTAL	MODALIDADE	TOTAL
Atletismo	1	Motociclismo	9
Automobilismo	15	Natação	1
Aviação	2	Pentatlo Militar	1
<i>Badminton</i>	1	Pentatlo Moderno	11
Basquete	9	Surfe	25
<i>Beach Soccer</i>	11	Tênis	7
Ciclismo	5	Tiro	1
Futebol	8	Vela	2
Futsal	1	Voleibol	15
Judô	11	Voleibol de Praia	20

Foi feito um levantamento de 20 modalidades esportivas com eventos sediados na cidade do Rio de Janeiro. Dessa cesta de modalidades, sete delas (automobilismo, *beach soccer*, judô, pentatlo moderno, surfe, voleibol e voleibol de praia) respondem por aproximadamente 70% dos eventos sediados na cidade. Desse percentual, os esportes olímpicos (judô, pentatlo moderno, voleibol e voleibol de praia) respondem por cerca de 50%. Os eventos multiesportivos respondem por cerca de 3% (Jogos Olímpicos Latino-Americanos, em 1922; Jogos Sul-Americanos, em 2002; Jogos Pan-Americanos, em 2007; Jogos Parapan-Americanos, em 2007 e Jogos Militares Mundiais, em 2011).

O surfe despontou com o seu primeiro evento internacional em 1976, por meio do empresário Nelson Machado, que se mostrou um empreendedor da modalidade, primeiro a patrocinar uma equipe e surfistas para um evento na cidade de Saquarema. Esse patrocínio concretizou-se pela marca Waimea, loja voltada ao surfe e localizada no bairro de Ipanema. Nelson Machado, buscando a realização de um campeonato mundial no Rio de Janeiro, foi ao Havaí e participou da reunião de fundação da International Professional Surfing (IPS), que foi uma das precursoras da atual World League Surf (WSL). Sendo assim, o Brasil fez parte do primeiro calendário mundial da modalidade.

O empresário, com dificuldade em fechar patrocínio para o evento por conta do imaginário perante a cultura do surfe, utilizou-se de sua própria marca, a Waimea, para patrocinar a etapa do mundial de surfe e, pelo *namings right*, “batizou” a etapa de Waimea 5000, sendo o numeral referente a premiação de US\$ 5 mil destinada aos vencedores. A competição ocorreu até o ano de 1982, com exceção do ano de 1979, sob a organização de Nelson Machado. O surfe mundial voltou a passar pelo Brasil somente em 1986, no estado de Santa Catarina. Desde então a cidade do Rio de Janeiro realizou mais 20 eventos da modalidade (Assunção, 2012).

O voleibol de praia contou com o seu primeiro campeonato mundial em 1987, tendo como origem um evento promocional (Hollywood Vôlei), realizado em 1985, nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, com a organização a cargo da empresa Koch Tavares e com os atletas oriundos das quadras. Um conjunto de regras foi estabelecido, pois não havia qualquer formalização de regras para o esporte. No ano seguinte, 1986, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) juntou-se à empresa Koch Tavares para a realização do II Hollywood Vôlei, assumindo o evento como uma estratégia para a internacionalização da modalidade, trazendo atletas estrangeiros para o evento (Afonso & Marchi, 2012).

Para a realização do primeiro Campeonato Mundial, a organização contou com 150 pessoas e um custo de US\$ 500 mil, coberto pela empresa Koch Tavares e pela Rede Globo de Televisão com a venda de cotas de patrocínio para a Coca-Cola, Rainha, Philips, Santista, C&A, Sousa Cruz e General Motors. Percebe-se que o *modus operandi* da modalidade virou um padrão estabelecido e a ser seguido nos anos posteriores. Como marketing, a organização estabeleceu que os atletas levassem as

marcas patrocinadoras e, em contrapartida, as despesas com transporte, alimentação e hospedagem seriam pagas pela organização (“Mundial de vôlei de praia começa com 12 jogos”, 1987).

Somado a isso, o Brasil tornou-se referência para o modelo de organização de eventos da modalidade. Em 1987, o Japão enviou observadores que, durante o campeonato mundial, fizeram gravações e anotações sobre o evento. Em apenas seis meses organizaram o seu primeiro campeonato nacional (“Japoneses imitam com sucesso o modelo brasileiro”, 1988). Internamente, essas ações pensadas durante o ano de 1980, geraram marcos de desenvolvimento da modalidade, como a criação de um departamento específico na CBV e a normatização das regras por meio do manual de vôlei de praia e, no início de 1990, a implantação de um circuito nacional, criando a possibilidade de o atleta dedicar-se integralmente à modalidade, ao invés de dividir-se entre a praia e a quadra (Costa, 2005).

Além do exposto anteriormente, a CBV, visando o *core business*, atentou para que todas as competições fossem de exclusiva autoridade e responsabilidade da entidade. Concomitantemente, no cenário mundial, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) criou, em 1989, o circuito mundial e trabalhou junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI), para que a modalidade fosse aceita em 1993 para ser incluída no programa dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 (Costa, 2005).

O esporte a motor e o motociclismo abrigaram três das mais importantes categorias mundiais na cidade do Rio de Janeiro. Originalmente, o primeiro autódromo da cidade do Rio de Janeiro, ainda Estado da Guanabara, foi o autódromo Nova Caledônia, inaugurado em 1966 e pertencente à Caledônia Predial Ltda., tendo sido desapropriado em 1973 pelo estado da Guanabara. Os proprietários do autódromo haviam vendido três mil camarotes e cadeiras que jamais foram entregues aos compradores e, com a desapropriação, ficaram sem uma solução para o caso. Entretanto, em 1971, iniciou-se a construção do autódromo cidade do Rio de Janeiro, na Baixada de Jacarepaguá. Para a adequação ao novo projeto, foi necessário o aterro da Península de Itapeba. Três empresas estavam à frente da obra: Empresa Brasileira de Engenharia e Construções, Construtora Bahia e o Consórcio União-Carioca. Em 1975, com a dissolução do estado da Guanabara, a responsabilidade sobre a obra foi transferida para a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro que se viu diante de um montante de Cr\$ 40 milhões para a retomada das obras, paradas há mais de um mês por falta de verba (“Autódromo carioca terá o circuito invertido, 1974; “Obras do autódromo de Jacarepaguá devem ser aceleradas”, 1975; “Para acabar o autódromo faltam Cr\$ 40 milhões”, 1975; “Rio terá autódromo mais seguro”, 1977).

Com os recursos liberados, os administradores deram uma previsão para a conclusão das obras para o segundo semestre de 1976. Relatou-se a falta de saneamento adequado, pois não houve um planejamento voltado à construção de uma estação de tratamento para a coleta do óleo utilizado nas atividades do autódromo, podendo gerar um problema ambiental quando esse óleo fosse descartado na Lagoa de Jacarepaguá. Foi feita também uma previsão, mesmo sem um cronograma oficial, para a construção de um restaurante, do museu do automóvel, do kartódromo, do ajardinamento e da urbanização da área, numa suposta segunda etapa do projeto. No período estabelecido para a inauguração, técnicos da Secretaria Municipal de Obras (SMO) não quiseram estabelecer novas datas, pois as obras encontravam-se atrasadas em relação às previsões divulgadas. Extraoficialmente, o circuito seria liberado somente em 1978. A Riotur (Empresa Municipal de Turismo) divulgou em 15 de julho de 1977, que o autódromo seria oficialmente inaugurado em 29 de janeiro de 1978, com a realização de uma etapa do mundial de Fórmula 1 (“Fórmula 1 em Jacarepaguá, só em 1978”, 1975; “Se não chover, autódromo fica pronto em fevereiro”, 1976; “Riotur: fórmula 1 abrirá em janeiro o autódromo”, 1977).

Na inauguração do autódromo percebeu-se a montagem de um esquema de trânsito criando bolsões de estacionamento no Riocentro e no Carrefour, e a disponibilização de ônibus da Companhia de Transportes Coletivo (CTC), com serviços circulares entre o autódromo e os estacionamentos, fato percebido em grandes eventos realizados na cidade desde então. Houve a presença de vendedores

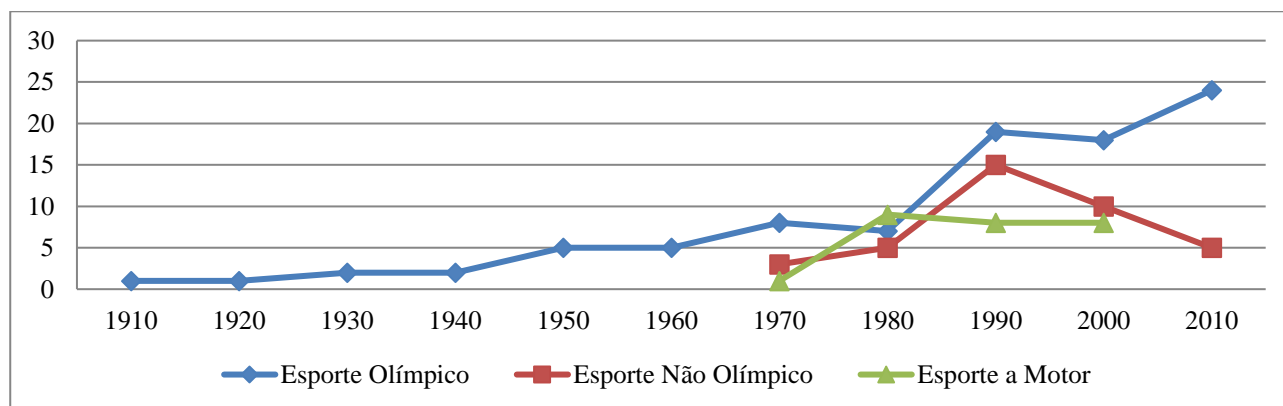
(não havendo referência nos registros sobre a formalização perante a organização do evento) praticando o aumento de preços das mercadorias (água e lanche) durante o transcorrer do evento, assim como relatou-se a presença de cambistas (“Tráfego sem tumulto no autódromo”, 1978; “Reutemann-Ferrari quase um minuto na frente”, 1978; “Confusão de ingresso”, 1978).

Em 1979 e 1980, a Fórmula 1 voltou a ser disputada em São Paulo, retornando à cidade do Rio de Janeiro em 1981, com a realização dos Grandes Prêmios até 1989. O autódromo localizado no bairro de Jacarepaguá, voltou a ser destaque no cenário mundial em 1995 com a realização de uma etapa do campeonato mundial de motociclismo. O contrato foi assinado em 11-1-1995, prevendo um investimento de US\$ 2 milhões para a reforma do autódromo, incluindo as arquibancadas, os boxes, o *paddock* e a torre de controle, a construção de um novo hospital e o recapeamento da pista. Cinco meses após o contrato com a Federação Internacional de Motociclismo, a Prefeitura acertou um acordo com a Intag, promotora brasileira junto à CART, organizadora da Fórmula Indy (“GP de moto: contrato para a prova do Rio é assinada”, 1995; “Rio está no calendário da F-Indy em 96”, 1995; Aguiar, 1995).

Um ano marcado pelas reformas para o mundial de motociclismo e pela construção da pista trioval para a Fórmula Indy foi o de 1995. O investimento foi estimado em R\$ 25 milhões com as reformas do autódromo, além do pagamento de US\$ 3 milhões da Prefeitura à CART, mais 750 passagens aéreas, hospedagem e transporte de 240 toneladas de equipamento, custeados pela organizadora do evento. Cerca de 1.500 empregos diretos e indiretos foram gerados na reforma do autódromo para esses eventos (Nogueira & Barreto, 1995; Poli, 1995). O mundial de motociclismo foi realizado até 2004. Em 2005, com o atraso na assinatura do contrato e a negativa da Prefeitura em repassar US\$ 3 milhões para a Dorna, detentora dos direitos de organização do evento, colocou-se um ponto final na realização do mundial de motociclismo no RJ e o motivo oficial foi o cronograma das obras para os Jogos Pan-Americanos (Nogueira, 2005).

Quase uma década antes, o circuito e a cidade recebiam a Fórmula Indy, com grandes benefícios à rede hoteleira, que garantiu 100% de ocupação no período da corrida, superando o carnaval com seus 97% de ocupação, mesmo estando em baixa temporada. Para a Prefeitura, a estimativa era de aumento na arrecadação do Imposto Sobre Serviço (ISS). Em ambos os eventos, a imagem da cidade foi veiculada para mais de 100 países: o motociclismo, pela Rede Bandeirantes e a Fórmula Indy, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) (Poli, 1995; Barreto, 1996).

Pelo total levantado e, ao observar-se a Figura 1, percebe-se que o esporte olímpico foi responsável por 92 eventos (aproximadamente 54%), o esporte não olímpico por 47 eventos (cerca de 29%) e o esporte a motor por 26 eventos (cerca de 14%), sendo o percentual restante ligado aos eventos multiesportivos, conforme mencionado anteriormente.



**Figura 1** - Evolução dos eventos esportivos divididos por categorias (esporte a motor, olímpico e não olímpico) por década

Complementando a Tabela 2 e a Figura 1, é possível observar que o esporte militar sediou cinco eventos prioritariamente na presente década, inferindo a influência que a realização de um evento de grande porte, como os Jogos Militares Mundiais, é capaz de promover e/ou inserir o país no cenário geopolítico, seja com eventos-teste ou com a realização após o evento principal (Jogos Olímpicos, Jogos Regionais etc.).

Observa-se também a realização de um evento universitário, o Campeonato Mundial de Judô em 1978, gerando o passivo do esporte universitário, que é pouco contemplado dentro da legislação esportiva, inferindo-se, então, o interesse incipiente desse segmento.

O paradesporto teve o seu momento de destaque por meio dos Jogos Parapan-Americanos em 2007, não tendo sido possível levantar outros eventos realizados na cidade.

Por último, observa-se o esporte de base com sete eventos, prioritariamente da modalidade voleibol, o que denota a preocupação da modalidade em promover a base, mantendo uma renovação constante de atletas e garantindo uma política específica de desenvolvimento da modalidade.

No que concerne à tipologia dos eventos esportivos, os autores do presente estudo adotaram uma estratégia metodológica de acompanhar a tipologia estabelecida por Parent e Smith-Swan (2013). Na Tabela 3, são visualizados os tipos de eventos bem como sua descrição, considerando-se os grandes eventos.

**Tabela 3**

Tipologia de eventos esportivos

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
<i>Hallmark</i>	Eventos recorrentes e vinculados a um local, geralmente uma comunidade, e realizados anualmente.
Eventos de grande escala	Eventos de natureza internacional, sem o mesmo apelo que os megaeventos. Costumam prover benefícios e legados à cidade-sede.
Megaeventos	É definido pelo seu tamanho ou significância perante a atenção da mídia, impactos financeiros e econômicos, e atratividade para o turismo, entre outras variáveis.

Fonte: Parent & Smith-Swan (2013).

A tipologia de um evento esportivo vem sendo estudada por um grupo de autores (Ritchie, 1984; Roche, 1994; Roche, 2000; Getz, 2007; Horne, 2007; Mills & Rosentraub, 2013; Parent & Smith-Swan, 2013; Müller, 2015) há aproximadamente três décadas, entretanto, não há um consenso sobre como definir um evento de forma precisa, sem margens ou manobras na forma de defini-los.

Outro ponto a ser destacado é a questão da relatividade de um evento cada vez que ele é realizado. Por meio da definição baseada em quatro variáveis, Müller (2015) destaca a possível diferença entre as edições de um evento, pois ele está sujeito às condições locais, o que relativiza a sua magnitude em relação à classificação estática.

A Tabela 4 mostra a classificação dos eventos esportivos realizados na cidade do Rio de Janeiro desde 1919.

Analisando-se a Tabela 4 percebe-se o crescimento no decorrer das décadas de eventos realizados no Rio de Janeiro.

Nota-se que, entre 1980 e 1999, houve uma mudança na característica do tipo de evento sediado na cidade, passando de eventos de grande escala, em consideração à tipologia atual, para os eventos classificados como *hallmark*, principalmente pelos eventos de automobilismo, motociclismo, surfe, tênis e voleibol de praia, voltando para o perfil da cidade nas décadas anteriores a 1980, que eram os eventos de grande escala a partir dos anos 2000, período no qual já se vislumbrava a realização de megaeventos em terras brasileiras.



**Tabela 4**

Tipologia dos eventos esportivos realizados na cidade do Rio de Janeiro

DÉCADA	TOTAL	TIPOLOGIA		
		HALLMARK	GRANDE ESCALA	MEGAEVENTO
1910-1919	1	-	1	-
1920-1929	2	-	2	-
1930-1939	2	-	2	-
1940-1949	2	-	2	-
1950-1959	5	-	4	1
1960-1969	5	-	5	-
1970-1979	12	4	8	-
1980-1989	21	19	2	-
1990-1999	42	37	5	-
2000-2009	38	13	23	2
2010-2014	31	11	18	2
<b>TOTAL</b>	<b>161</b>	<b>84</b>	<b>72</b>	<b>5</b>

Fonte: Adaptado de Parent & Smith-Swan (2013).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Rio de Janeiro destaca-se pela quantidade de eventos esportivos realizados nos equipamentos sediados no seu território, deduzindo-se que a cidade apresenta certo grau de expertise na realização de eventos esportivos, considerando-se os resultados encontrados no presente estudo. Concluiu-se, ao traçar o perfil de eventos esportivos, que a cidade do Rio de Janeiro realizou por aproximadamente 60 anos (entre as décadas de 1910 a 1970) eventos esportivos de grande escala. Com a mudança do regime governamental, percebeu-se o aumento no número de eventos realizados, pois a cidade buscou no esporte uma forma de promoção. Nos anos 1970 percebeu-se a transição dos eventos de grande escala para aqueles conhecidos como *hallmark* (eventos realizados anualmente), perdurando por 20 anos nessa condição, prioritariamente com eventos relacionados ao esporte a motor (motociclismo e automobilismo (Fórmula 1 e Fórmula Indy) e eventos ligados às belezas naturais, tais como o *beach soccer*, surfe e voleibol de praia. A partir de 2000, o perfil volta-se à realização de eventos de grande escala, muito em conta pela corrida em sediar os Jogos Pan-americanos e os Jogos Olímpicos. Tal estratégia foi concebida para que a cidade demonstrasse a credibilidade em conseguir organizar e entregar os eventos esportivos. Traçado o perfil, pode-se inferir a tradição da cidade olímpica em realizar eventos esportivos, destacando-se a última década, quando foram realizados o Pan e o Parapan-Americanos em 2007, os Jogos Mundiais Militares em 2011 e a Copa do Mundo de Futebol em 2014, trazendo como destaque os esportes olímpicos.

A partir dos três casos citados, notam-se características que perduram até os dias atuais nas organizações de eventos no país. O surfe trouxe o *business* para o esporte, remontando ao ano de 1970, a utilização de *naming rights* em um evento esportivo. O voleibol de praia trouxe um modelo de gestão que foi o precursor mundial na organização dos eventos da modalidade, sendo a entidade promotora do esporte a detentora dos direitos exclusivos de realização do evento. Foi feito um planejamento de marketing minucioso envolvendo desde a exposição da marca, o *field of play* até o uniforme dos atletas que não recebem por essa exposição, mas recebem uma contrapartida pela exposição da marca. E, por último, no caso do automobilismo e do motociclismo, viu-se o poder público enfrentar obras e eventos sem o devido planejamento e cronograma, aumentando os custos no decorrer dos projetos e com problemas de entrega do produto dentro do prazo.

## 5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA NOVOS ESTUDOS

A limitação percebida na condução desse estudo foi a falta de um banco de dados sobre os eventos esportivos realizados na cidade do Rio de Janeiro. Essa limitação implica que, eventos realizados na cidade e que atendam a delimitação proposta pelos pesquisadores, não tenham sido elencadas no estudo, gerando a necessidade de atualizações futuras.

Estudos mais detalhados necessitam ser realizados, observando-se as variáveis presentes em um evento esportivo (infraestrutura – geral e esportiva, mobilidade urbana, custos, legados, voluntariado, informações esportivas do evento – participantes, resultados, público etc.), permitindo um melhor entendimento sobre a realização destes, gerando conhecimentos e a possibilidade de se gerar *benchmark* e *benchlearn* para futuras realizações de eventos, evitando que eventos futuros não contem com uma base prévia.

Concomitantemente, é preciso buscar o aumento da base de dados existentes com pesquisas mais detalhadas em diversas fontes, sejam primárias ou secundárias. O estudo de eventos passados permite aos estrategistas analisarem o comportamento de diversas variáveis verificando, de acordo com as características de cada época, o retorno dado por cada evento, tornando possível a montagem de cenários perante a característica daqueles, como por exemplo, decidir realizar uma série de eventos anuais em detrimento a um megaevento.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, G. F., & Marchi, W., Jr. (2012). Como pensar o voleibol de praia sociologicamente. *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(1), 72-83.
- Aguiar, J. E. (1995, junho 11). Brasil terá, em março, prova em circuito oval. *O Estado de São Paulo*, p. E9.
- Assunção, K. (2012). 10 perguntas: Nelson Machado. *Hardcore*. Recuperado de [http://hardcore.uol.com.br/18619-10\\_perguntas\\_nelson\\_machado/](http://hardcore.uol.com.br/18619-10_perguntas_nelson_machado/)
- Autódromo carioca terá o circuito invertido. (1974, julho 12). *O Globo*, p.10.
- Barreto, M. (1996, março 17). Evento para resgatar a imagem do Rio. *O Globo*, p. 58.
- Bruun, J. (2009). *International sport events as a mean in the international branding strategy of Aarhus*. (Dissertação de Mestrado). Copenhagen Business School, Dinamarca.
- Confusão de ingresso. (1978, janeiro 30). *O Globo*, p. 25.
- Costa, M. M. (2005). *Vôlei de praia: configurações sociológicas de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil*. (Tese de Doutorado). UnB, Brasília.
- Fórmula 1 em Jacarepaguá, só em 1978. (1975, outubro 15). *O Globo*, p. 8.
- Getz, D. (2007). *Event studies: theory, research and policy for planned events*. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar um projeto de pesquisa* (4th ed.). São Paulo: Atlas. 174p.

- GP de moto: Contrato para a prova do Rio é assinado. (1995, janeiro 12). *O Globo*, p. 35.
- Horne, J. (2007). The four “knowns” of sport mega-events. *Leisure Studies*, 26(1), 81-96.
- Japoneses imitam com sucesso modelo brasileiro. (1988, fevereiro 24). *O Globo*, p. 22.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos da metodologia científica* (7th ed.) São Paulo: Atlas. 297p.
- Mascarenhas, G. (2011). Inventando a “cidade esportiva” (futura cidade Olímpica): Grandes eventos e modernidade no Rio de Janeiro. In G. Mascarenhas, G. Bienestein, & F. Sánchez (Org.), *O jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades* (pp. 59-82). Rio de Janeiro: EdUERJ/FAPERJ.
- Mills, B. M., & Rosentraub, M. S. (2013). Hosting mega-events: A guide to the evaluation of development effects in integrated metropolitan regions. *Tourism Management*, 34, 238-246.
- Müller, M. (2015). What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. *Leisure Studies*. doi: 10.1080/02614367.2014.993333
- Mundial de vôlei de praia começa com 12 jogos. (1987, fevereiro 17). *O Globo*, p. 22.
- Nogueira, C. (2005, fevereiro 18). Rio perde GP de moto. *O Globo*, p. 31.
- Nogueira, C., & Barreto, M. (1995, setembro 15). Festa para o motociclismo. *O Globo*, p. 32.
- Obras do autódromo de Jacarepaguá devem ser aceleradas. (1975, janeiro 28). *O Globo*, p. 16.
- Para acabar com o autódromo faltam Cr\$ 40 milhões. (1975, maio 23). *O Globo*, p. 9.
- Parent, M., & Smith-Swan, S. (2013). *Managing major sports events: Theory and practice*. London: Routledge.
- Poli, G. (1995, agosto 31). Rio prepara o milionário GP do Brasil. *O Globo*, p. 34.
- Reutemann-Ferrari quase um minuto na frente. (1978, janeiro 30). *O Globo*, p. 23.
- Rio está no calendário da F-Indy em 96. (1995, junho 11). *O Globo*, p. 63.
- Rio terá autódromo mais seguro. (1977, agosto 04). *O Globo*, p. 41.
- Riotur: Fórmula 1 abrirá em janeiro o autódromo. (1977, julho 16). *O Globo*, p. 9.
- Ritchie, J. R. B. (1984). Assessing the impact of hallmark events: Conceptual and research issues. *Journal of Travel Research*, 23(2), 2-11.
- Roche, M. (1994). Mega-events and urban policy. *Annals of Tourism Research*, 21, 1-19.

- Roche, M. (2000). *Mega-events and modernity: Olympics and Expos in the growth of global culture*. London: Routledge.
- Santos, J. M. C. M. (2011). Rio de Janeiro e o campeonato sul-americano de futebol de 1919: “a América do Sul corre atrás de uma bola”. *Materiales para la Historia del Deporte*, 9, 82-102.
- Santos, J. M. C. M. (2012). O Rio de Janeiro e os jogos de 1922: Economia de um projeto esportivo. In J. M. C. M. Santos, & V. A. Melo (Org.), *1922: Celebrações esportivas do centenário* (pp. 58-80). Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ.
- Santos, S. C. dos, Neto, DaCosta, L. P., Bastos, F. C., & Mataruna, L. (2014). *Brasil Olímpico: Um ensaio crítico sobre a política esportiva voltada para RIO 2016*. Não publicado.
- Se não chover, autódromo fica pronto em fevereiro. (1976, novembro 15). *O Globo*, p.15.
- Tráfego sem tumulto no autódromo. (1978, janeiro 30). *O Globo*, p.13.